



INFORME
**PETRO
POLÍTICA**

FEVEREIRO 2022

DIRETOR

Carlos Otavio de Vasconcellos Quintella

ASSESSORIA ESTRATÉGICA

Fernanda Delgado

EQUIPE DE PESQUISA*Coordenação Geral*

Carlos Otavio de Vasconcellos Quintella

Superintendente de Ensino e P&D

Felipe Gonçalves

Coordenação de Pesquisa do Setor O&G

Magda Chambriard

Coordenação de Pesquisa do Setor Elétrico

Luiz Roberto Bezerra

Pesquisadores

Acacio Barreto Neto

Adriana Ribeiro Gouvêa

Aldren Vernersbach

Amanda Ferreira de Azevedo

Ana Costa Marques Machado

Gláucia Fernandes

João Teles João Victor Marques Cardoso

Matheus Felipe Ayello Leite

Paulo César Fernandes da Cunha

Pesquisadora Associada

Flávia Porto

Estagiários

Ester Nascimento

Victor de Lemos S. Fernandes

PRODUÇÃO*Coordenação*

Simone C. Lecques de Magalhães

Execução

Bruno Madureira

Carlos Quintanilha

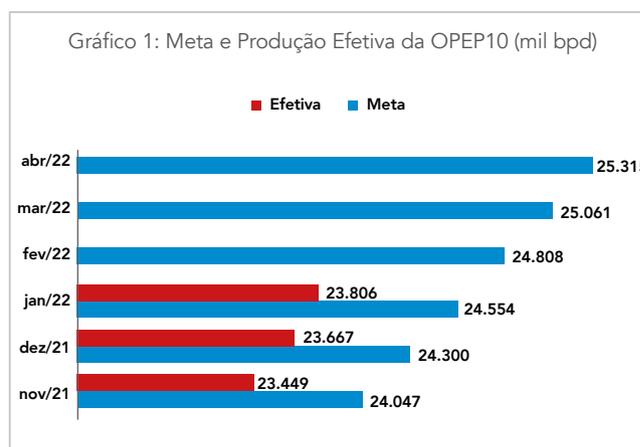
As tensões geopolíticas provocam efeitos expressivos sobre os preços no mercado internacional de energia. A atual crise russo-ucraniana, que alcançou o terreno de ataques militares no final de fevereiro, remonta à anexação da Península da Crimeia em março de 2014, quando os preços Brent do barril de petróleo também foram cotados acima dos US\$ 100. Naquele período, além desse fator geopolítico, o mercado já se recuperava da crise financeira de 2008 devido à alta demanda da China. Da mesma forma, os ataques militares da Rússia contra alvos ucranianos, o controle de posições estratégicas no país e as incertezas sobre os objetivos de *facto* do Kremlin – ocupação total da Ucrânia ou restrita ao leste do país e mudança forçada do governo/regime político – tem acelerado a disparada dos preços de petróleo e gás natural. Porém, os preços atuais também refletem uma conjuntura já tensionada pela acelerada recuperação da demanda global e oferta limitada após o choque ocasionado pela pandemia em 2020.

Vale apontar que os principais relatórios de acompanhamento da oferta e demanda global, publicados em fevereiro, ainda não estimavam em suas projeções os efeitos de uma guerra na Europa, ainda incertos sobre o desempenho do mercado neste ano.

1. Oferta

- Em 02 de fevereiro de 2022, a Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP) e um grupo de países ricos em petróleo, com destaque para a Rússia, celebraram o 25º Encontro Ministerial da OPEP+, dando continuidade à periodicidade mensal de avaliação dos fundamentos de oferta e demanda sobre o mercado internacional de petróleo e redefinição das cotas de produção dos países-membros, estando isentos Venezuela, Líbia e Irã. Na ocasião, o grupo manteve o cronograma de aumentos mensais de 400 mil barris por dia (bpd) para março (OPEC, 2022).
- Já em 02 de março de 2022, a realização do 26º Encontro, em meio ao aprofundamento das questões geopolíticas que pesam sobre o mercado de petróleo, manteve a liberação dos 400 mil bpd previstos para abril e o período de compensação até junho, considerando a OPEP+ que os fundamentos do mercado estariam bem equilibrados e que a atual volatilidade dos preços decorre de fatores geopolíticos (OPEC, 2022a). Torna-se necessário ponderar, entretanto, que a própria OPEP+ não tem cumprido suas metas de oferta *pari passu* com o crescimento acelerado da demanda global, de modo que o estreito equilíbrio oferta-demanda tem influenciado a trajetória de crescimento dos preços enquanto os eventos de natureza geopolítica têm exacerbado nos últimos meses novos picos não vistos desde 2014.
- De acordo com a edição de fevereiro do Relatório Mensal sobre o Mercado de Petróleo (MOMR, em inglês) da OPEP, a produção de petróleo bruto da Organização atingiu, em janeiro, 27,981 milhões de barris por dia (MMbbl/d), um crescimento pouco expressivo de 64 mil bpd comparado a dezembro de 2021 e reflexo de uma trajetória de difícil desempenho ao passo da liberação das cotas produtivas (OPEC, 2022b). Considerando apenas os 10 países sujeitos às cotas de produção da OPEP, o aumento foi de 139 mil bpd, inferior aos 218 mil bpd de crescimento entre novembro e

dezembro de 2021. As principais quedas de oferta no mês de janeiro ocorreram na Venezuela (-51 mil bpd), Líbia (-45 mil bpd) e Iraque (-27 mil bpd), minimizando o crescimento observado na Nigéria (81 mil bpd), Arábia Saudita (54 mil bpd), Emirados Árabes Unidos (44 mil bpd) e Kuwait (27 mil bpd).



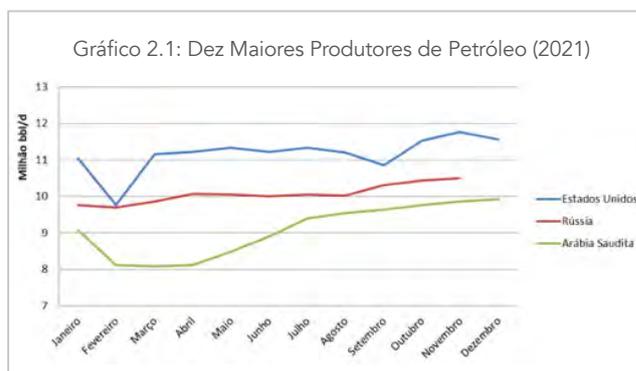
Fonte: elaboração própria com dados da OPEP.

- O MOMR também revisou o crescimento da oferta de petróleo não-OPEP em 2021 para 0,6 MMbbl/d, após o menor desempenho da produção de países como Brasil, China, Canadá, Equador e Reino Unido, no quarto trimestre de 2021, não ser compensado pelo aumento da produção nos Estados Unidos (EUA). No total, a oferta não-OPEP, em 2021, atingiu 63,6 MMbbl/d e, para 2022, prevê-se um aumento de 3 MMbbl/d, especialmente com a produção esperada dos EUA, Rússia, Brasil, Canadá, Cazaquistão, Noruega e Guiana (OPEC, 2022b).
- A edição de fevereiro do Relatório sobre o Mercado de Petróleo da Agência Internacional de Energia (IEA, em inglês) apontou que a oferta global cresceu 560 mil bpd em janeiro, somando 98,7 MMbbl/d. O resultado é puxado principalmente pelo crescimento fora da OPEP+, já que o “subdesempenho crônico” deste grupo se traduziu naquele mês em uma lacuna de 900 mil bpd entre meta e produção efetiva (IEA, 2022). A IEA destaca

que se a OPEP+ liberasse efetivamente suas cotas produtivas, seriam impulsionados 4,3 MMbbl/d em 2022, o que, associado ao crescimento previsto de 2 MMbbl/d na produção fora da OPEP+, elevaria em 6,3 MMbbl/d a oferta de petróleo global (IEA, 2022). Com a hipótese de a OPEP+ cumprir efetivamente suas metas de produção, a corrente pressão sobre o mercado, de baixa oferta e alta demanda, seria mais suave, mas implicaria quase nenhuma capacidade excedente para os países da OPEP+, fugindo ao interesse da Organização. Em outras palavras, a hipótese uma possível sobreoferta em 2022 ocorreria, segundo a IEA (2002), em detrimento da redução de 5,1 para 2,5 MMbbl/d em capacidade excedente da OPEP+, comprometendo principalmente a Arábia Saudita e os Emirados Árabes Unidos (EAU). Ademais, a hipótese de uma sobreoferta seria o suficiente para impactar a decisão política da OPEP+ acerca do volume e do cronograma atual de liberação das cotas produtivas.

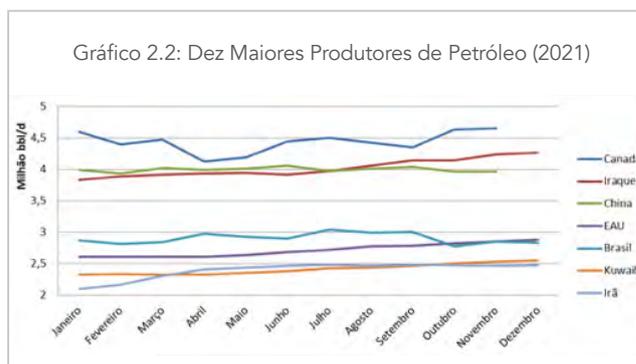
- Diante da retomada do consumo de combustíveis fósseis com a recuperação econômica e a interrupção de medidas que restringem a circulação de pessoas, a oferta global de petróleo encontra-se bastante pressionada, haja vista a trajetória de baixo investimento no setor – analisada no Informe de Petropolítica de janeiro –, os preços reduzidos ao longo de 2020 e o avanço da transição energética focada em energias renováveis. De todo modo, os relatórios da OPEP e da IEA, publicado em fevereiro, ainda não calculavam que, neste ano, o advento da guerra na Ucrânia no dia 24 de fevereiro – após três meses de intensa especulação informativa e movimentos diplomáticos para driblar uma, até então, possível invasão russa – seria *de facto* a variável geopolítica mais impactante sobre o mercado de energia em décadas. Propaga-se, por exemplo, a ideia de um novo choque do petróleo.
- Logo, a preocupação já avaliada sobre o estreito equilíbrio entre a oferta e a demanda global se acirrou com a possibilidade de o óleo russo ter a

sua comercialização interrompida, a depender das incertezas geradas por uma guerra, seja mediante sanções ocidentais seja por decisão política de Moscou, o que até o fechamento deste Informe não se concretizou. Uma possível interrupção da oferta russa geraria um impacto irreparável ao mercado, devido à relevância desse óleo, não existindo capacidade excedente para contorná-la. Em 2021, segundo dados da OPEP e da Agência de Informação sobre Energia (EIA, em inglês), o maior avanço de produção ocorreu na Arábia Saudita, com um crescimento de 1,8 MMbbl/d entre fevereiro e dezembro, seguido pela Rússia e EUA (Ver Gráfico 2.1).



Fonte: elaboração própria com dados da EIA e OPEP.

- Os demais principais produtores são, em ordem decrescente, Canadá, Iraque, China, EAU, Brasil, Kuwait e Irã, tendo ocorrido, ao longo de 2021, alguns reordenamentos, como a vantagem do Iraque sobre a China, dos EAU sobre o Brasil e a breve ultrapassagem do Irã sobre o Kuwait (Ver Gráfico 2.2).



Fonte: elaboração própria com dados da EIA e OPEP.

■ Os dez principais produtores de petróleo respondem por mais de dois terços da oferta global, sendo que apenas os três primeiros (EUA, Rússia e Arábia Saudita) somam 40% (Ver Gráfico 3). Somente a Rússia participa com 13% da oferta global, a partir de reservas provadas estimadas, em 2021, em 107 bilhões de barris, isto é, 6,2% das reservas do planeta ou a sexta maior do mundo (BP, 2021). A relevância da Rússia nesse mercado também é acrescida pela sua capacidade de refino de 6,7 MMbbl/d, considerada a terceira maior do mundo após os EUA e a China (BP, 2021).



Fonte: elaboração própria com dados da EIA e OPEP.

■ Segundo dados da EIA, as exportações de petróleo da Rússia cresceram de um percentual em torno de 40% da produção nos anos 1990, para 50% na década de 2010, um patamar que tem se perpetuado desde então (Ver Gráfico 4). Dados mais recentes da 70ª Revisão Estatística da Energia Global (2021), publicada pela BP, indicam que, em 2019, a produção de petróleo russo atingiu 11,2 MMbbl/d e as exportações, 5,8 MMbbl/d, e, mesmo com a queda de 1 MMbbl/d no ano seguinte, as exportações mantiveram-se acima de 50% da produção do país. Segundo a BP (2021), a produção e a exportação cresceram respectivamente em média 1,2% e 1,4% ao ano na última década (até 2019), sendo os principais destinos o continente europeu (53% das exportações de petróleo russo) e a China (32%).

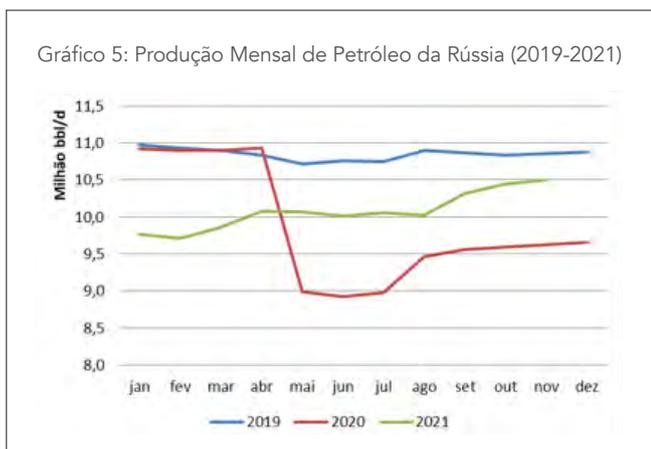


Fonte: elaboração própria com dados da EIA.

■ Considerando a relevância da oferta russa para o equilíbrio do mercado internacional e o abastecimento, sobretudo, das economias europeias e da China, a própria dificuldade do país em elevar a produção ao nível pré-pandemia (Ver Gráfico 5) fortalece a análise sobre o descompasso da OPEP+ perante as metas e a efetiva produção de seus países. Em janeiro de 2022, estimativas apontavam que a Rússia colocaria no mercado pouco mais da metade do cronograma de aumentos previstos para a oferta da OPEP+ no primeiro semestre deste ano, impactando o contínuo aumento de preços do barril e da inflação (TANAS; KHRENNIKOVA, 2022). Ao invés da meta de crescimento mensal de 100 mil bpd, os russos teriam capacidade para aumentos de 60 mil bpd, de modo que a produção média de 2022 deva se movimentar entre 10,8 e 11 MMbbl/d (PARASKOVA, 2022; SLAV, 2022).

■ Dada a dificuldade supracitada para aumentar a oferta, há a percepção de que a Rússia já esteja operando na totalidade de sua capacidade produtiva, tendo viabilizado esse aumento com a reabertura de poços que tiveram suas atividades interrompidas pelo crash da demanda após o surgimento da pandemia (SLAV, 2022), estando, agora, dependente de novos investimentos e esforços exploratórios. A princípio, os gastos de capital previstos para este ano pelas principais empresas russas variam entre um aumento de 10% para a Gazprom a 20% para a Rosneft, cuja prioridade é dar início à produção em larga escala no Ártico, por meio do Projeto Vostok (TANAS; KHRENNIKOVA, 2022). Esse projeto, já abordado

pelo Informe de Petropolítica de agosto de 2021, é o principal caminho para a expansão da oferta russa em médio e longo prazo, com produção prevista de 515 mil bpd, em 2024, e de 1,7 MMbbl/d, em 2030. Porém, as incertezas decorrentes da guerra na Ucrânia e as sanções ocidentais anunciadas, como o bloqueio ao mercado de capitais e ao sistema internacional Swift de informações e transações financeiras, a retirada de empresas ocidentais da Rússia (a exemplo das companhias Shell, Equinor e BP), o rebaixamento da nota de crédito para *junk* pelas agências de classificação de risco Fitch e Moody's¹ e a desvalorização do rublo em mais de 60% nos primeiros dez dias de conflito, tornam completamente incertos os investimentos no *upstream* do país.

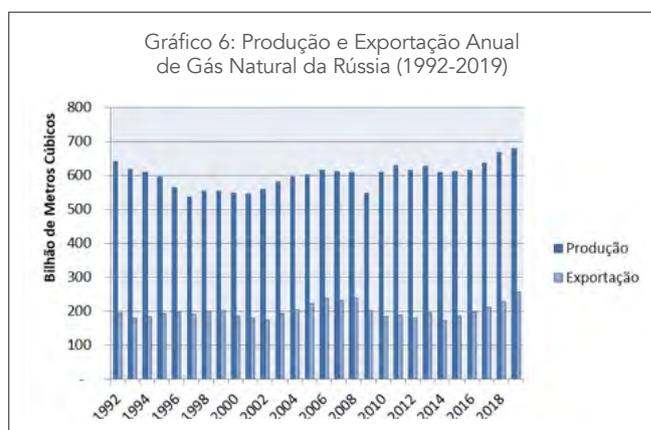


Fonte: elaboração própria com dados da EIA.

■ Em relação ao gás natural, a Rússia detém 20% das reservas provadas do planeta, com mais de 37 trilhões de metros cúbicos. Além da maior reserva do mundo, o país é o segundo maior produtor, atrás dos EUA, com 16% da oferta global (BP, 2021). A produção cresceu em média 2,4% ao ano na última década, com expansão significativa de 608 para 678 bilhões de metros cúbicos (bcm) no período 2014-2019, embora no ano seguinte, a pandemia tenha provocado uma queda de 40 bcm. No mesmo período, as exportações apresentaram

um crescimento mais acelerado, de 173 bcm para 256 bcm, de modo que o percentual exportado da produção russa ampliou na última década de 30% para 38% (Ver Gráfico 6) e a participação russa entre as exportações globais de gás atingiu 25,3%, a maior do mundo (BP, 2021).

■ Essa trajetória evidencia a relevância da oferta e do *market-share* do gás russo no mercado internacional, superando toda a exportação de gás do Oriente Médio. Ao mesmo tempo, a maior parcela da produção voltada para o mercado externo significa maior dependência da economia da Rússia às divisas internacionais adquiridas com a venda de gás, o que tem levado o país a diversificar não apenas os mercados consumidores, mas também a comercialização e o transporte dessa *commodity*. Embora 85% do gás exportado pela Rússia sigam para a Europa por meio de dutos (especialmente para Alemanha, Itália, Belarus, Turquia e Países Baixos), as exportações de gás natural liquefeito (GNL) apresentaram um crescimento de 19% ao ano na última década (BP, 2021). A comercialização de GNL elevou a Rússia ao quarto lugar no ranking de seus principais exportadores do mundo e permitiu a diversificação de parceiros comerciais, como o Japão e a China, além de França, Espanha e Reino Unido (BP, 2021).



Fonte: elaboração própria com dados da EIA.

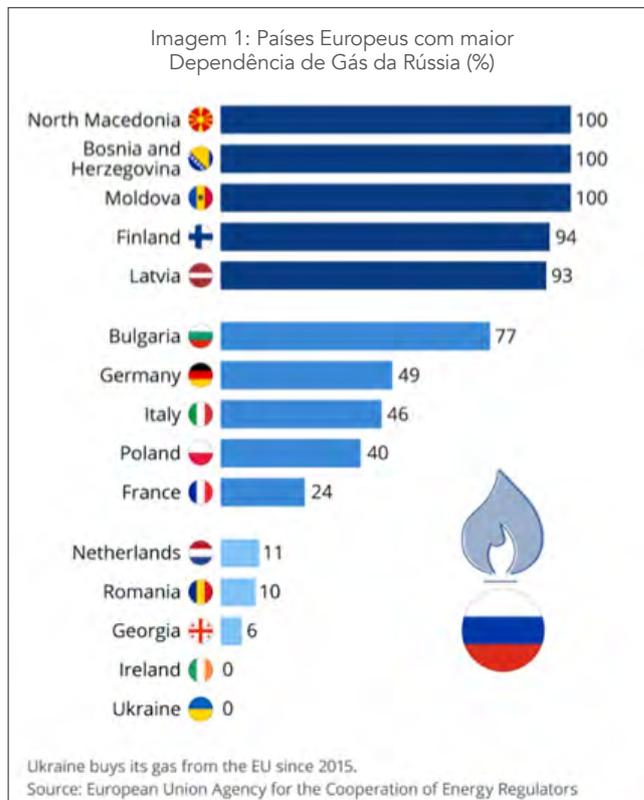
¹ A Moody's decidiu, no dia 06 de março, rebaixar ainda mais a nota de crédito da Rússia, de B3 para Ca. A medida reflete um percentual de 35% a 65% de confiança, já que há expectativa de controle de capital pelo Banco Central da Rússia incluindo a restrição de pagamento do serviço da dívida de títulos públicos (MOODY'S, 2022).

2. Demanda

- O MOMR da OPEP revisou o crescimento da demanda global de petróleo em 2021 para 5,7 MMbbl/d, devido ao resultado mais positivo dos Estados Unidos, com crescimento de 1,6 MMbbl/d puxado principalmente pela gasolina. O crescimento da demanda estadunidense ao longo de 2021 representou mais de 60% do desempenho verificado entre os países da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), de 2,6 MMbbl/d, enquanto a OCDE Europa e Ásia-Pacífico tiveram um aumento respectivo de 0,6 e 0,4 MMbbl/d (OPEC, 2022b). Já entre os países ausentes da OCDE, o crescimento da demanda superou mais da metade do desempenho global, com 3,1 MMbbl/d, sendo 1 MMbbl/d oriundo da China e 0,3 MMbbl/d, da Índia, sobretudo com o aumento do consumo do setor de transportes e dos insumos para a indústria e petroquímica (OPEC, 2022b).
- Para 2022, o MOMR prevê um crescimento de 4,2 MMbbl/d, sendo 1,8MMbbl/d o aumento da demanda da OCDE e 2,3 MMbbl para os demais países em conjunto, totalizando 100,8 MMbbl/d. Embora o crescimento previsto seja 26% menor do que em 2021, o nível de 2022 já ultrapassa a referência pré-pandemia de 2019, mantendo a OPEP com uma previsão otimista em face ao crescimento econômico estimulado pelas políticas monetárias e fiscais expansionistas, a retomada da atividade industrial e a recuperação da viagens aéreas (OPEC, 2022b). O desafio, por outro lado, é a possibilidade de novas medidas de contenção à pandemia da COVID-19 estancarem o crescimento econômico com a interrupção das cadeias de fornecimento, lacunas no mercado de trabalho e o aumento da inflação (OPEC, 2022b).
- A previsão da IEA (2022) sobre o aumento da demanda global de petróleo para 2022 manteve-se praticamente inalterada em 3,2 MMbbl/d, entretanto, uma revisão dos dados históricos expandiu em quase 800 mil bpd a base estimada da demanda, de modo que, ao invés de 99,7 MMbbl/d, a demanda prevista para 2022 alcança 100,6 MMbbl/d, valor próximo à estimativa da OPEP.
- Os estoques de petróleo da OCDE tiveram um novo decréscimo em dezembro de 2021, após um declínio abrupto de 60 MMbbl reduzi-los a 2,68 bilhões de barris (IEA, 2022). Nos últimos doze meses, os estoques caíram 355 MMbbl apesar da liberação de mais de 50 MMbbl de reservas estratégicas governamentais, que tiveram um impacto pouco significativo para conter o menor nível de estoques de petróleo em sete anos (IEA, 2022). Os estoques teriam capacidade para cobrir 59,6 dias de demanda, o que pode se reduzir com dados preliminares para janeiro apontando uma nova redução de 13,5 MMbbl (IEA, 2022). A redução dos estoques também reflete a atual conjuntura de estreito equilíbrio entre uma demanda em crescimento acelerado e uma oferta com maior dificuldade de expansão, resultando em um colchão com menor capacidade para amortecer choques adversos ao mercado.
- Entre os “choques adversos”, a invasão russa sobre a Ucrânia tem se provado uma influente variável geopolítica porque, além de envolver um relevante ator internacional para a oferta de óleo e gás, impacta os mercados consumidores que dependem do suprimento desses energéticos de forma constante, segura e acessível. Nesse caso, os mercados europeus são os mais influenciados, devido ao tamanho do volume de petróleo e gás importados da Rússia e ao embaraço político-diplomático de, ao mesmo tempo, garantir a segurança energética e dissuadir a agressão militar provocada pelo governo russo de Vladimir Putin. Do lado econômico, a Rússia é o principal fornecedor de hidrocarbonetos para a Europa, correspondendo a 29% das importações europeias de petróleo e a 33% das importações europeias

de gás (BP, 2021). Contabilizando apenas a comercialização por gasodutos, o gás russo cresce para 38% das importações da Europa, embora este valor varie entre diferentes países (Ver Imagem 1).

- Do lado político-diplomático, a União Europeia poupa decisões que afetariam o suprimento energético de seus países-membros, a exemplo da sanção anunciada pelos EUA, no dia 08 de março, para banir as importações de petróleo, gás e carvão da Rússia (HUNNICUTT; HOLAND, 2022). Apesar disso, medidas como a suspensão do processo de certificação do gasoduto Nord Stream 2, recém-construído no Mar Báltico para ampliar o volume de gás comercializado diretamente entre a Rússia e a Alemanha, foram anunciadas pelo Primeiro-Ministro alemão Olaf Scholz, após Putin reconhecer a independência de Donetsk e Luhansk, duas províncias separatistas pró-Rússia da região de Donbass no leste da Ucrânia, previamente à invasão do país (FRANCE24, 2022).



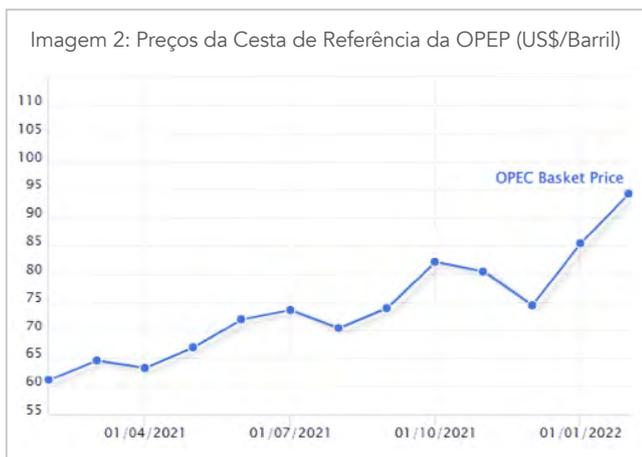
Fonte: Statista, 2022.



3. Preços

- Os preços futuros do petróleo também apresentaram um crescimento elevado em janeiro, com o benchmark ICE Brent subindo 14,4%, com preço médio de US\$85,57, enquanto o NYMEX WTI, 15,7%, atingindo a média de US\$82,98 (OPEC, 2022b). Segundo a IEA, os preços cresceram naquele mês em torno de US\$15, cruzando a barreira dos US\$90 pela primeira vez desde 2014 (IEA, 2022).
- A média ponderada dos preços dos *blends* de petróleo produzidos pelos países-membros da OPEP², denominada Cesta de Referência da OPEP, cresceu 14,8% em janeiro de 2022, atingindo US\$85,41, considerado o maio valor mensal desde setembro de 2014. No mês seguinte, a média alcançou os US\$94,22, tendo superado a máxima dos US\$100 na última semana de fevereiro, fechando em US\$103,89 no dia 28 (OPEC, 2022c).

- Ao longo de fevereiro, a tensão geopolítica no leste europeu foi o fator que mais influenciou a trajetória de preços futuros. Antes da invasão à Ucrânia, a movimentação de tropas russas em torno do país e a frequência de informação propagada pelos Estados Unidos sobre uma possível invasão elevou o Brent à máxima de US\$96 no dia 14 de fevereiro. Dez dias depois, o início de ataques militares provocou um novo crescimento do Brent, que atingiu US\$105. Após o anúncio do presidente dos EUA, Joe Biden, em banir as importações dos hidrocarbonetos da Rússia, os preços do petróleo Brent atingiram a máxima de US\$ 131. A mesma medida foi anunciada pelo Reino Unido, embora considere até o final de 2022 o período adequado para encontrar fornecedores alternativos.



Fonte: OPEC, 2022



Fonte: Trading Economics, 2022.

² Os blends que compõem a Cesta de Referência da OPEP são: Girassol (Angola), Arab Light (Arábia Saudita), Saharan Blend (Argélia), Djeno (Congo), Murban (Emirados Árabes Unidos), Rabi Light (Gabão), Zafiro (Guiné Equatorial), Iran Heavy (Irã), Basra Light (Iraque), Kuwait Export (Kuwait), Es Sider (Líbia), Bonny Light (Nigéria) e Merey (Venezuela).

4. Estamos de olho

■ A guerra deflagrada na Europa (Ver Imagem 4) retoma o argumento de que as atividades dos Estados no sistema internacional ocorrem em função do poder, seja para mantê-lo, expandi-lo ou demonstrar prestígio aos demais atores do sistema. No caso da Rússia, uma potência nuclear com uma indústria de Defesa avançada e abundantes recursos energéticos, demonstra-se a busca pela reafirmação desse poderio no espaço territorial pós-soviético e a retaliação àqueles Estados que porventura busquem avançar sua influência sobre esse entorno estratégico russo. Na atual crise, o avanço da OTAN (a aliança militar liderada pelos EUA) nas últimas décadas sobre o Leste da Europa e os países bálticos buscou abafar a Rússia. Um argumento paralelo apontaria que o acesso desses países à OTAN foi uma decisão soberana para dissuadir a influência ou a ameaça russa sobre os seus territórios.



Fonte: *El Pais Internacional*, 2022.

■ Em contrapartida, a Rússia apresentou respostas militares pontuais na Geórgia, em 2008, e agora na Ucrânia, ponto que se desenrola desde a anexação da Península da Crimeia em 2014, uma região considerada estratégica para o acesso comercial e

militar da Rússia aos mares quentes. Ainda não é possível saber se a resposta no espaço ucraniano será pontual ou não, mas uma ocupação generalizada seria muito custosa e inviável, haja vista o histórico traumático da ocupação do Afeganistão pela União Soviética na década de 1980. É possível que, diante da vantagem no teatro de guerra, Moscou busque um reequilíbrio de poder, em detrimento do Direito Internacional, com uma série de exigências condicionando o fim das agressões militares, entre elas o afastamento da OTAN e da UE da Ucrânia e o reconhecimento internacional da soberania da Rússia sobre a Crimeia.

■ Por outro lado, o avanço militar sobre a Ucrânia intensifica o isolamento da Rússia nos foros internacionais e pressiona os países europeus a reduzir a dependência dos energéticos russos, seja buscando alternativas de fornecimento como o GNL dos EUA, do Catar e da Austrália; expandindo os investimentos em projetos de produção e infraestrutura de gás na África (como Argélia, Líbia e Nigéria) e na Ásia (como Irã e Azerbaijão); avançando a transição para energias renováveis, embora decisão da Comissão Europeia, em 02 de fevereiro, reconheça o gás e a energia nuclear como fontes sustentáveis e, portanto, passíveis de investimentos dentro do plano europeu de se tornar o primeiro continente neutro em carbono (STRAUSS, 2022).

■ Para demais países com extenso potencial energético, o embargo ao petróleo russo anunciado pelos EUA e Reino Unido apresenta uma oportunidade e uma necessidade para a segurança energética global que as negociações para suspender as sanções à indústria do petróleo do Irã avancem, considerando que o país poderia adicionar 1,3 MMbbl/d ao mercado internacional (IEA, 2022), e, além desse, a reconciliação do Ocidente com o petróleo comercializado diretamente com a Venezuela.

Referências

BP. Statistical Review of World Energy. 70th edition, 2021. Disponível em: <<https://www.bp.com/content/dam/bp/business-sites/en/global/corporate/pdfs/energy-economics/statistical-review/bp-stats-review-2021-full-report.pdf>>.

FRANCE24. *Scholz says Germany halting Nord Stream 2 project*. Publicado em 22 de fevereiro de 2022. Disponível em: <<https://www.france24.com/en/live-news/20220222-scholz-says-germany-halting-nord-stream-2-project>>.

HUNNICUTT, Trevor; HOLLAND, Steve. *Biden bans Russia oil imports to U.S., warns U.S. gasoline prices will rise further*. Reuters. Publicado em 08 de março de 2022. Disponível em: <<https://www.reuters.com/business/biden-announce-ban-russian-oil-tuesday-sources-2022-03-08/>>.

IEA – International Energy Agency. Oil Market Report. February, 2022. Disponível em: <<https://www.iea.org/reports/oil-market-report-february-2022>>.

KHRENNIKOVA, Dina; TANAS, Olga. *Russia Seen Struggling to Keep Pace With OPEC+ Supply Hikes*. Bloomberg. Publicado em 18 de janeiro de 2022. Disponível em: <<https://www.bloomberg.com/news/articles/2022-01-18/russia-seen-struggling-to-keep-pace-with-opec-oil-supply-hikes>>.

MOODY'S. *Moody's downgrades Russia's ratings to Ca from B3; the outlook is negative*. Publicado em 06 de março de 2022. Disponível em: <https://www.moody.com/research/Moodys-downgrades-Russias-ratings-to-Ca-from-B3-the-outlook--PR_463675>.

OPEC – Organization of the Petroleum Exporting Countries (2022). *25th OPEC and non-OPEC Ministerial Meeting concludes*. Publicado em 02 de fevereiro de 2022. Disponível em: <https://www.opec.org/opec_web/en/press_room/6796.htm>.

OPEC – Organization of the Petroleum Exporting Countries (2022a). *26th OPEC and non-OPEC Ministerial Meeting concludes*. Publicado em 02 de março de 2022. Disponível em: <https://www.opec.org/opec_web/en/press_room/6830.htm>.

OPEC – Organization of the Petroleum Exporting Countries (2022b). OPEC Monthly Oil Market Report. February, 2022. Disponível em: <https://www.opec.org/opec_web/en/publications/338.htm>.

OPEC – Organization of the Petroleum Exporting Countries (2022c). OPEC Basket Price. Disponível em: <https://www.opec.org/opec_web/en/data_graphs/40.htm>.

PARASKOVA, Tsvetana. *Russia To Struggle With Oil Production Increase Under OPEC+ Deal*. Oil Price. Publicado em 18 de janeiro de 2022. Disponível em: <<https://oilprice.com/Latest-Energy-News/World-News/Russia-To-Struggle-With-Oil-Production-Increase-Under-OPEC-Deal.html>>.

SLAV, Irina. *Russia May Be Nearing Limit Of Oil Output Capacity*. Oil Price. Publicado em 03 de janeiro de 2022. Disponível em: <<https://oilprice.com/Energy/Crude-Oil/Russia-May-Be-Nearing-Limit-Of-Oil-Output-Capacity.html>>.

STRAUSS, Marina. *European Commission declares nuclear and gas to be green*. DW. Publicado em 02 de fevereiro de 2022. Disponível em: <<https://www.dw.com/en/european-commission-declares-nuclear-and-gas-to-be-green/a-60614990>>.



Glossário de Siglas

[CLIQUE E CONFIRA](#)

Mantenedores

Ouro



Prata





www.fgv.br/energia